

2.

A questão da agressividade e a teoria freudiana.

Em todo homem, é claro, habita um demônio oculto: o demônio da cólera, o demônio do prazer voluptuoso frente aos gritos da vítima torturada, o demônio da luxúria sem peias.

Dostoiévski, Os Irmãos Karamazov

Quando falamos de agressividade em psicanálise, imediatamente nos vem à lembrança, de modo quase automático, o texto de 1929, *Mal-estar na Civilização*, no qual Freud reconhece na agressividade inata do homem o principal fator de ameaça à vida em sociedade. Contudo, as coisas nem sempre foram assim. De fato, a agressividade se constituiu como um problema com o qual Freud teve que se debater durante muito tempo, embora, desde os primeiros momentos, tenha reconhecido e valorizado a incidência das tendências hostis como algo inerente à especificidade do tratamento analítico. “Na psicanálise,... de acordo com sua colocação diferenciada dos motivos, despertam-se todas as moções [do paciente], inclusive as hostis... são aproveitadas para fins de análise” (1905[1901], p.111).

Somente a partir de 1920, após a formulação da segunda teoria pulsional, a agressividade será reconhecida como uma pulsão específica, funcionando, desde então, praticamente como o outro nome dos impulsos da pulsão de morte, cuja finalidade é a destruição: “...existem essencialmente duas classes diferentes de pulsões: as pulsões sexuais, compreendidos no mais amplo sentido - Eros se preferem esse nome - e pulsões agressivas, cuja finalidade é a destruição” (Freud, 1933[32], p.129).

Um longo tempo se passou, portanto, antes que Freud pudesse estabelecer algo de modo mais definitivo, acerca das tendências hostis e agressivas. No entanto, isso não significa que durante esse lapso temporal ele não tenha se ocupado e se interrogado acerca das manifestações clínicas da agressividade. Muito pelo contrário. Ao que tudo indica, a experiência clínica da agressividade teve, não apenas, um papel decisivo em toda elaboração teórico-conceitual que inaugura o campo psicanalítico, mas, sobretudo, funcionou como um verdadeiro fiel do conceito de pulsão, ao exercer um balizamento importante na construção das duas teorias pulsionais.

Como sabemos, foi em função da resistência ao trabalho analítico que Freud descobriu a transferência, designando, desde os primeiros momentos, como transferência negativa as manifestações hostis e agressivas que, necessariamente, incidiam durante o tratamento analítico e que seriam responsáveis, até certo ponto, por essa resistência. Uma constatação como essa já nos permite dimensionar a centralidade e a importância com que a temática da agressividade incide no campo psicanalítico, participando diretamente das condições que promovem, viabilizam e sustentam a experiência analítica.

A hipótese de uma ‘pulsão de agressão’ foi trazida à discussão por Alfred Adler, em de 3 de junho de 1908¹. Na ocasião, Freud teria concordado com Adler em quase todos os pontos, divergindo apenas quanto a um único ponto: o que Adler chamava de pulsão de agressão era o que ele conceituava como libido. No ano seguinte, ao comentar o caso do *Pequeno Hans*, Freud renova a sua crítica à concepção adleriana da agressão, assinalando, contudo, o seu interesse pela noção de ‘confluência’ ou ‘imbricamento’ (*verschänkung*) da pulsão de agressão com a pulsão sexual². Encontramos, nesse artigo, um dos primeiros posicionamentos mais explícitos de Freud a propósito dos impulsos agressivos:

Não posso convencer-me a aceitar a existência de uma pulsão agressiva especial ao lado das pulsões familiares de autopreservação e de sexo, e de qualidade igual à destas*. Parece-me que Adler promoveu erradamente a uma pulsão especial e auto-subsistente o que é, na realidade, um atributo universal e indispensável de todas as pulsões - seu caráter pulsional premente, o que poderia ser descrito como a sua *capacidade para iniciar movimento*. Nada restaria, então, das outras pulsões, a não ser a sua relação com um objetivo, pois a sua relação com os meios de alcançar esse objetivo teria sido retirada deles pelo ‘pulsão agressiva’. Apesar de toda a incerteza e obscuridade de nossa teoria das pulsões, eu preferiria, no momento, aderir ao ponto de vista usual, que deixa a cada pulsão o seu próprio poder de se tornar agressiva; e estaria inclinado a reconhecer as duas pulsões que se tornaram recalçadas em Hans como componentes familiares da libido sexual.

* (nota de rodapé acrescentada em 1923) A passagem acima foi escrita numa época em que Adler parecia ainda estar tomando terreno da psicanálise, antes de ele colocar em evidência o protesto masculino e rejeitar o recalçamento. Desde então eu mesmo fui obrigado a afirmar a existência de um ‘instinto agressivo’, mas este é diferente do de Adler. Prefiro chamá-lo ‘instinto destrutivo’ ou ‘instinto de morte’ (Freud, 1909, p. 145-6 – o grifo é nosso).

¹ Através da conferência *O Sadismo na Vida e na Neurose* – publicada posteriormente com o título *A Pulsão de Agressão na Vida e na Neurose* -, proferida por ele numa “sessão da quarta-feira”, que reunia em torno de Freud seus primeiros discípulos e colaboradores.

² Em 1915, em *Pulsões e suas Vicissitudes*, Freud retoma essa noção: “Pode acontecer que o mesmo objeto sirva para a satisfação de vários instintos simultaneamente, um fenômeno que Adler denominou de ‘confluência’ de instintos [*Triebverschänkung*]” (Freud, 1915, p.143).

Freud se recusa a aceitar a existência de uma pulsão agressiva independente e autonomizada, pois, no seu entender, cada pulsão tem o poder de se tornar agressiva. Vale notar, no entanto, a sua referência à *capacidade para iniciar movimento*, como “um atributo universal e indispensável de todas as pulsões” (p. 145). A discussão com Adler nos permite entrever como a história da teoria freudiana da agressividade, além de ter sido longa, se confunde com a história de um dos conceitos mais fundamentais do campo analítico: o conceito de pulsão. Este, por sua vez, mesmo estando presente no artigo de 1895, não publicado à sua época, *Projeto para uma Psicologia Científica*, só veio à luz em 1905, através dos *Três Ensaios sobre a Teoria da Sexualidade*.

2.1 Os primeiros momentos da teoria freudiana da agressividade

Podemos identificar três momentos na história da teoria freudiana da agressividade: o período que antecede ao aparecimento do conceito de pulsão em 1905; o período marcado pela elaboração da primeira teoria pulsional, 1905-1920 e, o período posterior à segunda teoria pulsional em 1920.

O primeiro momento corresponde àquele no qual a experiência da clínica psicanalítica conduz Freud a tomar como objeto de sua preocupação as manifestações clínicas da agressividade - os comportamentos e sentimentos hostis e agressivos - e, no entanto, o conceito de pulsão encontra-se nos bastidores, em vias de formação. A principal referência teórica desse contexto é a primeira tópica do aparelho psíquico, apresentada por Freud, no capítulo VII de sua obra inaugural *A Interpretação dos Sonhos*. Desde muito cedo, a experiência clínica exigiu o reconhecimento não apenas da incidência das moções hostis ou agressivas no tratamento analítico, mas, sobretudo, da participação, particularmente importante dos impulsos agressivos na etiologia de certas afecções como, por exemplo, da neurose obsessiva e da paranóia.

Além da noção tão central de transferência, uma série de idéias e de conceitos é fruto de uma reflexão que se impôs a partir da experiência clínica da agressividade. Por exemplo, a noção de ambivalência³ indicativa da “coexistência de tendências, de atitudes e de sentimentos opostos, por excelência o amor e o ódio, senão ao nível metapsicológico

³Termo cunhado por Bleuler e incorporado por Freud em 1912, em *A Dinâmica da Transferência*.

mais fundamental, pelo menos na experiência” (Laplanche e Pontalis, 1970, p.38). De igual modo, o complexo de Édipo que, desde a *Interpretação dos Sonhos*, é concebido como uma forma de apreender o problema relativo à conjunção de desejos amorosos e hostis, a qual é responsável pela manifestação dos mais variados arranjos e constelações fenomênicas.

Em 1905, o aparecimento do conceito de pulsão, no artigo *Três Ensaios sobre a Teoria da Sexualidade*, inaugura o segundo momento, durante o qual podemos acompanhar a incidência da experiência clínica da agressividade na elaboração da primeira teoria pulsional. Como assinala Strachey (1969), será principalmente em termos de sadismo que Freud abordará os impulsos agressivos, ao longo desses primeiros escritos. O primeiro e mais longo estudo sobre esse tema já aparece nesse artigo de 1905 e traz considerações que são, aparentemente, contraditórias. Inicialmente, Freud apresenta o sadismo como uma ‘pulsão componente’ ou ‘parcial’ da pulsão sexual: “o sadismo corresponderia a um componente agressivo autonomizado e exagerado da pulsão sexual, movido por deslocamento para o lugar preponderante” (Freud, 1905, p.148). No entanto, ao final do segundo ensaio, ao descrever a crueldade própria do caráter infantil, Freud reconhece a origem independente dos impulsos agressivos:

Com independência ainda maior das outras atividades sexuais vinculadas às zonas erógenas desenvolve-se na criança o componente de crueldade da pulsão sexual. A crueldade é perfeitamente natural no caráter infantil, já que a trava que faz a pulsão de dominação deter-se ante a dor do outro — a capacidade de compadecer-se — tem um desenvolvimento relativamente tardio. É sabido que ainda não se teve êxito na análise psicológica exaustiva dessa pulsão; podemos supor que o impulso cruel provenha da pulsão de dominação e surja na vida sexual numa época em que os genitais ainda não assumiram seu papel posterior. Assim, ela domina uma fase da vida sexual que mais adiante descreveremos como organização pré-genital* (Freud, 1905, p. 180).

*nota do editor: [As duas últimas frases receberam a sua forma atual em 1915. Em 1905 e 1910, diziam: “Podemos supor que os impulsos de crueldade brotem de fontes que de fato independem da sexualidade, mas unam-se a ela precocemente por uma anastomose (conexão cruzada) próxima de seus pontos de origem. A observação ensina, entretanto, que o desenvolvimento sexual e o desenvolvimento das pulsões escopofílicas e de crueldade estão sujeitos a influências recíprocas que restringem a suposta independência das duas classes de instintos.]

Como sabemos, é nesse artigo de 1905 que o termo *trieb*, pulsão, aparece pela primeira vez publicado⁴. Fortemente influenciado por uma perspectiva genética, Freud concebe a crueldade infantil como um componente da pulsão de dominação. É digno de nota que, nesse momento, no qual ele está lançando as fundações de sua primeira teoria pulsional, encontrarmos ali, lado a lado à referência à pulsão sexual a invocação de uma pulsão de origem não sexual - a pulsão de dominação. Uma pulsão que se dirige, desde muito cedo, ‘cegamente’ para o exterior – indiferente ao sofrimento alheio -, dominando a fase da organização pré-genital vida sexual infantil. No entanto, a ‘crueldade infantil’ não é suficiente para fazê-lo cogitar a respeito de uma pulsão específica da agressividade, vide a sua crítica a Adler, feita em 1909.

A publicação, em 1915, de *Os Instintos e suas Vicissitudes*, representa a culminância desse segundo contexto. Trata-se de um artigo de importância capital para a compreensão não apenas da temática da agressividade, mas, sobretudo, do pensamento freudiano durante os anos que antecedem 1920. Freud, em seu esforço de compor uma metapsicologia, reúne nesse artigo os conhecimentos adquiridos até então, a propósito do conceito de pulsão. Segundo Mezan (2001), esse é o conceito mais abrangente do pensamento de Freud, o qual funciona com um marco central, principalmente, entre os anos de 1905 e 1915. A oposição entre as pulsões sexuais e as pulsões de autoconservação funciona como o eixo em torno do qual gravitam os temas e as questões dessa época.

Freud dedica a primeira parte desse artigo à demonstração da importância do conceito de pulsão, como um pressuposto necessário não apenas à concepção de uma certa modalidade terapêutica, mas ao próprio reconhecimento da vida psíquica com o funcionamento que lhe é inerente. A pulsão é a condição primeira do psiquismo. “Um conceito básico convencional [...] ainda é algo obscuro, mas nos é indispensável na psicologia” (Freud, 1915, p.137).

Nesse texto de 1915, é possível identificar três níveis a partir dos quais Freud tenta elaborar as respostas às questões colocadas pela diversidade dos fenômenos clínicos

⁴ Em 1895, em *Projeto para uma Psicologia Científica* - texto que só foi publicado em 1950 - Freud utiliza pela primeira vez a palavra *Trieb*, para designar uma estimulação interna, constante, de origem somática. “O fato de que as *Qn* endógenas atuam por soma apenas significa que essas *Qn* são constituídas de parcelas de excitação mínimas”.... Através de um processo que incluí, por um lado a ‘soma’ de excitação e, por outro, a ‘facilitação’ das vias de condução “surge no interior do sistema [psi] o impulso que sustenta toda a atividade psíquica. Conhecemos essa força como *vontade* – o derivado das *pulsões [trieb]*. (Freud, 1895, p.335 – o grifo é do autor).

oriundos da conjugação das tendências amorosas e hostis. Primeiramente ele insiste na sua recusa em admitir a hipótese de uma pulsão agressiva específica, tal como foi sugerida por Adler. Ao enunciar os elementos que seriam comuns às duas classes de pulsão – pulsões sexuais e pulsões de autoconservação -, ele reafirma, por um lado, a definição, apresentada em 1911 no *Caso Schreber*, de que a pulsão seria um conceito limítrofe entre o somático e o psíquico e, por outro, acrescenta um novo elemento aos três já apresentados em sua definição de 1905⁵. Esse novo elemento, denominado por ele de ‘*drang*’, força ou pressão, será descrito como “a própria essência” da pulsão – “seu fator motor, a quantidade de força ou a medida da exigência de trabalho que ela representa... Toda pulsão é uma parcela de atividade” (Freud, 1915, p. 142).

Em segundo lugar, ao discutir as vicissitudes das pulsões, a compreensão dos comportamentos e sentimentos agressivos - tais como o sadismo ou o ódio -, é buscada através de complexos mecanismos psíquicos, oriundos da dinâmica subjacente à oposição entre as pulsões sexuais e as pulsões de autoconservação. Freud associa os impulsos agressivos às pulsões de autoconservação, as quais teriam por função a manutenção e a afirmação da existência individual. Do mesmo modo, ele postula uma gênese própria para o ódio, ao afirmar que “a aparente transformação do amor em ódio é apenas uma ilusão” (Laplanche e Pontalis, 1970, p.39). Ao afirmar que o ódio não é simplesmente o negativo do amor, ele dá provas de já ter à sua disposição uma complexa teoria metapsicológica da agressividade. A tese central de Freud está contida na sua afirmação de que “os verdadeiros protótipos da relação de ódio não provém da vida sexual, mas da luta do ego para preservar-se e manter-se” (Freud, 1915, p.160).

Por fim, encontramos, no texto de 1915, as elaborações teóricas de Freud acerca dos fenômenos relacionados à temática da destruição, que, paradoxalmente, surgem no âmbito das pulsões de autoconservação. Ele retoma a noção de pulsão de dominação, com a intenção de especificar, no âmbito das pulsões de autoconservação - seja como função ou mesmo como pulsão independente -, a atividade que visa assegurar o seu domínio sobre o objeto. Na opinião de Laplanche e Pontalis (1970), com a noção de dominação, Freud

⁵ Os demais elementos, que compõem a definição de pulsão apresentada por Freud em 1905 são: a finalidade, *ziel*, que é sempre a satisfação, ou seja, a descarga; o objeto, *objekt*, o meio através do qual a pulsão alcança a sua finalidade e por fim a fonte, *quelle*, o processo somático localizado num órgão ou parte do corpo, de onde provem a estimulação que é representada na vida psíquica por uma pulsão.

estabelece “uma espécie de campo intermediário entre a simples *atividade* inerente a toda função e uma tendência para a destruição pela destruição” (p.40). Não escapa à observação de Freud que “a tomada em consideração do outro e do seu sofrimento só aparecem no retorno masoquista, tempo em que a pulsão de dominação se torna indiscernível da excitação sexual que provoca” (Idem, p. 40). Há, pois, para Freud, um tempo inicial de ausência de compaixão, no qual “o dano ou o aniquilamento do objeto é indiferente” (Freud, 1915, p.160).

Um breve recuo nos ajudará a avaliar melhor as contribuições de 1915. Começamos pela definição de pulsão como capacidade de iniciar movimento. Ao definir as características essenciais da pulsão, Freud deixa claro que se tratam de características comuns às duas classes de pulsões – as pulsões sexuais e as pulsões de autoconservação - em suma, elas são idênticas quanto à sua natureza. Como observa Mezan (2001), “o que constitui a especificidade de cada uma delas é a relação com a acessibilidade do objeto” (p.158). Enquanto que os objetos que satisfazem as necessidades das pulsões de autoconservação só existem na realidade exterior, as pulsões sexuais têm acesso à satisfação através do próprio corpo, são auto-eróticas.

Em 1910, em *As Perturbações Psicogênicas da Visão segundo a Concepção Psicanalítica*, Freud se refere à distinção entre as pulsões sexuais e as pulsões de autoconservação ou do ego. Em outras palavras, o ego conta agora com um suporte pulsional. A diferença capital entre essas duas classes de pulsão é formulada por ele, em 1911, ao enunciar as *Formulações Sobre os Dois Princípios do Funcionamento Mental*, o qual tem uma parte dedicada a investigação das relações entre o ego e a realidade.

A substituição do princípio de prazer pelo princípio de realidade, com todas as conseqüências psíquicas envolvidas,... não se realiza, na verdade, de repente; tampouco se efetua simultaneamente em toda a linha, pois, enquanto este desenvolvimento tem lugar nas pulsões do ego, as pulsões sexuais se desligam deles de maneira muito significativa. As pulsões sexuais comportam-se auto-eroticamente a princípio; obtêm sua satisfação do próprio corpo do indivíduo e, portanto, não se encontram na situação de frustração que forçou a instituição do princípio de realidade (Freud, 1911, p.282).

Para Freud (1911), o acesso à realidade externa é uma conquista do desenvolvimento. Um processo, que não se realiza de uma hora para outra, nem de uma vez por todas. À essa época, ao mesmo tempo em que ele postula a existência de uma indiferenciação inicial entre as duas classes de pulsão – imbricadas no ato de mamar -, ele

atribui à realidade externa o papel determinante no processo gradativo de diferenciação entre elas (Mezan, 2001). Freud faz questão de assinalar que a frustração oriunda do contato com o princípio de realidade diz respeito às pulsões de autoconservação e não às sexuais.

Em 1915, Freud, ao reafirmar a primazia das pulsões - “são as pulsões e não os estímulos externos [que] constituem as verdadeiras forças motrizes por detrás dos progressos...” (p.140) –, faz questão de valorizar o fator motor, “a quantidade de força ou a medida da exigência de trabalho que ela representa,... em consequência de sua ligação com o corpo (Idem, p.142)”. Em suma, ele enfatiza o fato de que “todas as pulsões são qualitativamente semelhantes e devem o efeito que causam somente à quantidade de excitação que trazem em si, ou..., a certas funções dessa quantidade” (Idem, p.144).

Nessa mesma ocasião, ele faz questão de precisar a distinção entre estímulos internos e externos. No seu entender, uma pulsão é um estímulo aplicado à mente, um estímulo de origem interna, de impacto constante e do qual não se pode fugir. Devido ao seu caráter imperioso, “necessidade, seria o melhor termo para caracterizar um impulso pulsional” (Idem, p. 139). Em contrapartida, um estímulo externo é algo que nos impõe uma única tarefa, a fuga ou afastamento através de movimentos musculares.

Imaginemo-nos na situação de um organismo vivo quase inteiramente inerte, até então sem orientação no mundo, que esteja recebendo estímulos em sua substância nervosa. Esse organismo muito em breve estará em condições de fazer *uma primeira distinção e uma primeira orientação*. Por um lado, estará cômico de estímulos que podem ser evitados pela ação muscular (fuga); estes, ele os atribui a um mundo externo. Por outro, também estará cômico de estímulos contra os quais tal ação não tem qualquer valia e cujo caráter de constante pressão persiste apesar dela; esses estímulos são os sinais de um mundo interno, a prova de necessidades instintuais. A substância perceptual do organismo vivo terá assim encontrado, *na eficácia de sua atividade muscular*, uma base para distinguir entre um ‘de fora’ e um ‘de dentro’ (Freud, 1915, p. 139 – o grifo é nosso).

Freud deixa claro que interno ou externo não são dados *a priori* reduzidos a uma mera questão de localização. Tanto o mundo interno quanto o mundo externo serão “criados” pela eficácia da atividade muscular, no âmbito das primeiras experiências num determinado meio e em virtude de uma estimulação que, a princípio, não pode ser distinguida quanto à sua procedência ou origem – interna ou externa. Estamos falando de uma ‘atividade’ (muscular) que não se produz, propriamente, em função de ‘necessidades pulsionais’, mas que se constitui, essencialmente, como uma manifestação inerente ao ‘ser

(estar) vivo’. O importante a ser destacado é que é no nível da eficácia dessa atividade que se decide entre o que é interno e o que é externo, definindo-se, por consequência, o que é da ordem do pulsional, ou seja, as forças prementes que, segundo Freud (1915), resultam em ‘necessidades’ imperiosas que exigem satisfação.

Do mesmo modo, Freud estabelece a diferenciação, igualmente importante, entre a estrutura dos comportamentos que se encontram, aí, envolvidos:

Os estímulos externos impõem uma única tarefa: a de afastamento; isso é realizado por *movimentos musculares*, um dos quais finalmente atinge esse objetivo e, sendo o movimento conveniente, torna-se a partir daí uma disposição hereditária. Não podemos aplicar esse mecanismo aos estímulos pulsionais, que se originam de dentro do organismo. Estes exigem muito mais do sistema nervoso, fazendo com que ele empreenda *atividades complexas e interligadas, pelas quais o mundo externo se modifica* de forma a proporcionar satisfação à fonte interna de estimulação... Naturalmente, nada existe que nos impeça de supor que os próprios pulsões sejam, pelo menos em parte, precipitados dos efeitos da estimulação externa, que no decorrer da filogênese ocasionaram modificações na substância viva. (Freud, 1915, p.140- o grifo é nosso).

Freud aproxima os *movimentos musculares*, eficazes em silenciar os estímulos externos, a uma resposta do tipo reflexa. Sua intenção é ressaltar o caráter automático e a simplicidade dessa ação. Por outro lado, ele assinala que os estímulos internos, isto é, as pulsões, exigem “*atividades complexas e interligadas, pelas quais o mundo externo se modifica*”. A temática da ação perpassa todo o seu texto, subjacente ao desenvolvimento pulsional, seja através dos simples movimentos musculares envolvidos no processo de diferenciação entre interno externo, seja na complexidade das ações, convenientes à satisfação das moções pulsionais, que introduzem modificações na realidade externa.

Ao mesmo tempo em que parece estar seguro quanto à condição fundamental da dimensão pulsional para o fomento da vida psíquica, Freud não deixa de reconhecer que, no entanto, essa dimensão está submetida a um certo tempo de engendramento. Entendemos que, ao atribuir a “primeira distinção e orientação” à eficácia da atividade muscular Freud nos remete, de modo inequívoco, ao plano da experiência, reconhecendo, aí, o palco no qual o potencial herdado juntamente com o funcionamento que lhe é inerente será redefinido, ou mesmo ‘re-criado’, a partir do interjogo com a realidade externa. É esse o contexto que acompanha a sua ênfase em caracterizar a pulsão, essencialmente, pelo termo pressão ou *Drang* - “seu fator motor, a quantidade de força ou a medida da exigência de trabalho que ela representa,... em consequência de sua ligação com o corpo (p.142)”. O

ponto essencial, nos dirá Freud, de forma intrigante, já quase ao final de seu artigo, é que “o sujeito do ego é passivo no tocante aos estímulos externos, mas ativo através de seus próprios instintos” (p.155). Ou seja, as atividades musculares, reflexas e automáticas, por mais que estejam envolvidas na importante distinção entre interno e externo, não têm valor de ação para Freud: elas carecem da motivação oriunda de necessidades pulsionais.

Nesse texto, Freud retorna, de modo insistente, aos momentos iniciais do desenvolvimento, constituindo, a cada vez, uma perspectiva mais elaborada. Transcrevemos na íntegra uma dessas passagens, de modo que possamos melhor avaliar o que ele concebeu como “uma situação psíquica primordial” (p.156):

Originalmente, no próprio começo da vida mental, o ego é catexizado com as pulsões, sendo, até certo ponto, capaz de satisfazê-las em si mesmo. Denominamos essa condição de ‘narcisismo’, e essa forma de obter satisfação, de ‘auto-erótica’*. Nessa ocasião, o mundo externo não é catexizado com interesse (num sentido geral), sendo indiferente aos propósitos de satisfação. Durante esse período, portanto, o sujeito do ego coincide com o que é agradável, e o mundo externo, com o que é indiferente (ou possivelmente desagradável, como sendo uma fonte de estimulação)

* Alguns das pulsões sexuais,... são capazes dessa satisfação auto-erótica, e assim, estão adaptados a ser o veículo para o desenvolvimento sob o domínio do princípio do prazer [do ‘ego da realidade’ original para o ‘ego do prazer’]... As pulsões sexuais que desde o início exigem um objeto, e as necessidades das pulsões do ego, que jamais são capazes de satisfação auto-erótica, naturalmente perturbam esse estado [de narcisismo primordial] e dessa forma preparam o caminho para um avanço a partir dele. *Na realidade o estado narcisista primordial não seria capaz de seguir o desenvolvimento, se não fosse pelo fato de que todo indivíduo passa por um período durante o qual é inerte, necessitando de cuidados, e durante o qual suas necessidades prementes são satisfeitas por um agente externo, sendo assim impedidas se tornarem maiores* (Freud, 1915, p. 156 – o grifo é nosso).

Esse é de um dos raros momentos, na obra Freud, em que ele faz referência, de modo tão explícito quão enfático, à nossa condição inicial de dependência absoluta dos ‘cuidados’ e da atenção de um ‘agente externo’. Por outro lado, a preocupação com os possíveis efeitos traumáticos da realidade externa foi uma presença constante em sua obra. Que nossas “necessidades prementes” possam ser satisfeitas, inicialmente, por um “agente externo” é, no entanto, para Freud, uma condição essencial: um contexto com o qual ele parece estar seguro de sempre poder contar, ao descrever os momentos mais iniciais do psiquismo. É, pois, na vigência desses ‘cuidados atenciosos’ que devemos considerar o desenrolar e a efetividade daquilo que, até aqui, consideramos com Freud, como ‘atividade muscular’. Mesmo que ele não enfatize de modo mais explícito, seu raciocínio nos leva a

refletir sobre a importância desses cuidados iniciais. Podemos, então, deduzir que com uma provisão ambiental adequada nesse momento inicial, essa ‘atividade muscular’ poderá ter sua eficácia amplificada ou, até mesmo, dispor de um grau variável de dependência ou submissão às exigências pulsionais. De igual modo, podemos supor que a inadequação ou insuficiência dos cuidados iniciais deverá trazer conseqüências para os ‘mundos’ que, nesse momento, estão sendo criados. O importante é que, qualquer que seja o caso (favorável ou desfavorável), será sempre no interjogo entre a motilidade vital do bebê e os cuidados que lhes são dispensados que se efetivará a criação daquilo que poderá ser reconhecido como interno e/ou externo, entre bom ou mau.

Vejamos, agora, como Freud (1915) aborda as manifestações hostis e agressivas. Ao realizar o estudo sobre as vicissitudes pulsionais, ele se depara com a gênese das “atividades complexas e interligadas, pelas quais o mundo externo se modifica de forma a proporcionar satisfação à fonte interna de estimulação” (p.140). Ou seja, ele descreve a complexidade dos comportamentos oriundos do conflito entre as pulsões sexuais, - que desde o início exigem um objeto -, e as necessidades das pulsões de autoconservação - que jamais são capazes de satisfação auto-erótica.

Freud restringe sua investigação aos instintos sexuais, alegando a dificuldade de observação das pulsões de autoconservação. A complexidade do texto que se segue é de tal ordem que, em vários momentos, torna-se difícil acompanhá-lo em suas inúmeras ambigüidades e aparentes contradições. A compreensão só nos chega quando percebemos que, apesar da ênfase concedida por Freud à dimensão pulsional no tocante a emergência da vida psíquica – sua proposta é uma investigação sobre as vicissitudes pulsionais -, de fato, o que ele parece ter em mente é uma realidade complexa, composta por várias dimensões submetidas, cada uma delas, a um desenvolvimento, ao mesmo tempo próprio e interligado às demais.

Aliás, a própria noção de desenvolvimento utilizada por Freud (1915) tem as suas especificidades. Ela comporta tanto a possibilidade de um constante recomeçar – a vida de cada pulsão como uma “série de ondas sucessivas e isoladas,... comparável a de sucessivas erupções de lava” (p.152) – quanto à possibilidade uma transformação retrogressiva – “essa nova característica [seria] acrescentada à onda anterior e assim por diante” (p.152). Além do mais, ela admite a permanência de fases intermediárias do

desenvolvimento, o que é exemplificado em termos de ambivalência, tanto pulsional quanto emocional. E, é importante que se diga, todas essas considerações não deixam de levar em conta a noção mais usual de desenvolvimento que têm na biologia do corpo a sua orientação – “o fato de que todo indivíduo passa por um período durante o qual é inerme, necessitando de cuidados” (p.156).

Assim, ao investigar o desenvolvimento pulsional Freud acaba por realizar, no mesmo golpe, uma genealogia do amor e do ódio. E, o mais importante, é que esses desenvolvimentos – pulsional e afetivo - têm como pressuposto que o desenvolvimento do ego esteja se processando.

Ficamos habituados a denominar a fase inicial do desenvolvimento do ego, durante a qual suas pulsões sexuais encontram satisfação auto-erótica, de ‘narcisismo’, sem de imediato travarmos um debate sobre a relação entre o auto-erotismo e o narcisismo. Segue-se que a fase preliminar do instinto escopofílico, na qual o próprio corpo do sujeito é o objeto da escopofilia, deve ser classificada sob o narcisismo, e que devemos descrevê-la como uma formação narcisista. A pulsão escopofílica ativo desenvolve-se a partir daí, deixando o narcisismo para trás. A pulsão escopofílica passivo, pelo contrário, aferra-se ao objeto narcisista. De maneira semelhante, a transformação do sadismo em masoquismo acarreta um retorno ao objeto narcisista. E em ambos esses casos [isto é, na escopofilia passiva e no masoquismo] o *sujeito* narcisista é, através da identificação, substituído por outro ego, estranho. Se levarmos em conta a fase do sadismo preliminar e narcisista que construímos, estaremos aproximando-nos de uma compreensão mais geral — a saber, que as vicissitudes pulsionais, que consistem no fato de a pulsão retornar em direção ao próprio ego do sujeito e sofrer reversão da atividade para a passividade, se acham na dependência da organização narcisista do ego e trazem o cunho dessa fase (p.153 – o grifo é do autor).

Em 1914, Freud havia dedicado o artigo, *Sobre o Narcisismo: uma introdução*, a um amplo estudo acerca das questões relativas ao desenvolvimento do ego. O conceito de narcisismo que daí surge, juntamente com o de auto-erotismo, que já havia sido introduzido em 1905, parecem constituir, agora, em 1915, uma base segura que o permite fazer avançar em suas investigações metapsicológicas. Enquanto o auto-erotismo aponta para a emergência de um corpo auto-suficiente em suas necessidades sexuais (auto-eróticas) – para a pulsão sexual “o objeto é insignificante em comparação com o órgão que lhe serve de fonte”; a noção de narcisismo traz à luz a complexidade da problemática que envolve a constituição de um ‘si mesmo’ – *amar-se a si próprio* é o traço característico do narcisismo. Segundo Strachey (1969), a hipótese do narcisismo, formulada em 1914, ajudou Freud em sua relutância em admitir a possibilidade de uma pulsão agressiva

independente da libido: “os impulsos de agressividade, e de ódio também, desde o início pareceram pertencer à pulsão de autoconservação, e, visto que esta se achava agora incluída na libido, não se exigia qualquer pulsão agressiva independente” (p.79).

Narcisismo e auto-erotismo tornam-se, pois, conceitos-chave para que possamos acompanhar Freud em suas elaborações que, em última instância, irão resultar na construção não apenas de um “*sujeito* narcisista” mas, sobretudo, de um “ser-no-mundo-narcisista” - um certo modo de estar no mundo, que tem na “organização narcisista do ego” seu centro de gravidade e, ao mesmo tempo, vê com ‘maus olhos’, ou mesmo ignora, tudo que lhe é externo.

Na medida em que o ego é auto-erótico, não necessita do mundo externo, mas em conseqüência das experiências sofridas pelos instintos de autopreservação, ele adquire objetos daquele mundo, e, apesar de tudo, não pode evitar sentir como desagradáveis por algum tempo, estímulos instintuais internos (Freud, 1915, p. 157).

Assim, ao acompanharmos Freud em sua investigação acerca das vicissitudes pulsionais, nos deparamos com as motivações egocêntricas e narcisistas do comportamento humano. ‘Sua majestade o sujeito narcisista’, esforça-se por transformar em ‘si-mesmo’ tudo que vê ou toca, ignorando, ou mesmo abominando, tudo que não seja ‘Eu’. A hostilidade está no fundamento da relação do sujeito com toda e qualquer instância alteritária, “provém do repúdio primordial do ego narcisista ao mundo externo com seu extravasamento de estímulos” (p.161). Do mesmo modo, são as pulsões de auto conservação – às quais os comportamentos e sentimentos hostis e agressivos encontram-se associados – que, não se satisfazendo com os prazeres sensuais auto-eróticos, rompem as barreiras do universo narcisista em busca de novos prazeres, produzindo transformações no mundo externo, que têm por conseqüência o enriquecendo da experiência de si-mesmo.

Podemos, então, concluir que disso resulta uma capacidade de amar – e, de um modo geral, uma capacidade de se relacionar – que tem por característica uma tendência em abolir as diferenças: um amor narcísico. Uma vez que o sujeito tenha experimentado as benesses oriundas do narcisismo primário todos os seus esforços se encontrarão não apenas orientados, mas, sobretudo, empenhados em preservar a sua manutenção – “Eu só quero amar, só quero amar!”⁶. Nesse contexto, o ódio surgirá como um sinal, assinalando que a

⁶ Verso de uma música de Tim Maia.

capacidade de amar do sujeito encontra-se ameaçada. A agressividade, aqui, está a serviço das defesas do sujeito.

Ainda que Freud (1915) tenha indicado que “a fase puramente narcisista cede lugar à fase objetal” (p.158), vale notar que esta se constitui, no entanto, tendo por fundamento o retorno ao objeto narcisista originário. Duas conclusões se impõem a partir dessas constatações: primeiro, que a possibilidade de intercâmbio entre interno e externo se apresenta como algo extremamente problemático para a organização narcisista do ego e, segundo que, em última instância, a alternativa fuga ou dominação se constitui como o verdadeiro ‘portal de acesso’ ao universo narcisista.

Para Freud (1915), todos esses acontecimentos – relativos aos desenvolvimentos que viemos considerando até agora –, além de gozarem de concomitância temporal, emergem numa experiência que estaria submetida à influência de três polaridades – atividade/passividade, ego/mundo e prazer/desprazer –, o que contribui para que a relação do sujeito com a instância alteritária tenha um grau de complexidade ainda maior. É digno de nota que, duas dessas polaridades decorrem do próprio funcionamento pulsional, seja a capacidade de iniciar movimento – atividade/passividade –, seja a que envolve as quantidades que se encontram relacionadas às noções de prazer e despreazer.

... o traço essencial das vicissitudes sofridas pelas pulsões está na *sujeição dos impulsos pulsionais às influências das três grandes polaridades que dominam a vida mental*. Dessas três polaridades podemos descrever a da atividade-passividade como a *biológica*, a do ego-mundo externo como *real*, e finalmente a do prazer- despreazer como a polaridade *economia* (Freud, 1915, p.162 – o grifo é do autor).

É, pois, nesse contexto, extremamente complexo⁷, que comporta um duplo engendramento – de si mesmo e do mundo –, o qual encontra-se submetido a vários tensionamentos concomitantes – internos e externos –, que devemos considerar a abordagem freudiana dos comportamentos e sentimentos hostis e agressivos. Nele, a temática agressividade surge através da consideração tanto do sadismo que, dada a ênfase quanto a capacidade de iniciar movimento, é concebido, nesse momento, como posição originária do sujeito – “se existe... uma satisfação masoquista mais direta é muito duvidosa” (Idem,

⁷ Não temos a pretensão de ter esgotado com nossa exposição a abrangência da complexidade relativa ao contexto criado por Freud, em sua investigação acerca das vicissitudes pulsionais. Nosso esforço foi apenas de trazermos de modo esquemático as principais linhas de articulação e tensão, visando-se uma contextualização para a temática da agressividade.

p.148) -, quanto do ódio que, como vimos, “enquanto relação com objetos é mais antigo que o amor. Provém do repúdio primordial do ego narcisista ao mundo externo com seu extravasamento de estímulos” (Idem, p.161).

Desse modo encontramos a agressividade, por um lado, como uma atividade e, como tal, própria à experiência de parcialidade dos impulsos componentes da sexualidade – sadismo – que, “desde o começo se dirigem [é dirigido] para um objeto estranho”⁸ (Idem, p.154) com a finalidade de “torturar, humilhar e dominar”. Para o ser-no-mundo narcisista o sadismo coincide com os impulsos motores que se dirigem rumo ao exterior, esforçando-se para a efetivação de uma única finalidade: atender às exigências de satisfação da organização narcisista do ego. Ele representa a fusão manifesta das pulsões sexuais e de auto-conservação. Sem dúvida ele comporta um certo ‘enfrentamento’, ao se constituir como uma alternativa à atividade de fuga imposta pelos estímulos externos, e se apresentar como o principal meio através do qual se realizará a tendência a dominar os estímulos, postulada por Freud. Assim sendo, a violência de que se trata - “o sadismo consiste no exercício de violência ou poder sobre uma outra pessoa como objeto” (Idem, p. 148) - encontra-se, por um lado, relacionada com as quantidades aí envolvidas – antes de mais nada é uma questão de força – e, por outro, traz à luz a problemática que discutiremos em seguida, envolvendo o intercâmbio entre interno e externo, tematizada por Freud em termos de dominação e destruição, no âmbito da organização narcisista do ego.

Por fim, o sadismo tanto participa da forma mais primitiva de amor – a incorporação ou devoramento -, efetivando “um tipo de amor que é compatível com a abolição da existência separada do objeto... expressando os esforços motores do ego em direção [a esses] aos objetos como fontes de prazer” (Idem, p.160). Bem como, está presente “na fase mais elevada da organização sádico-anal pré-genital...sob a forma de uma ânsia (*urges*) de dominar, para a qual o dano ou o aniquilamento do objeto é indiferente” (Idem). Em suma, enquanto sadismo, a agressividade pode ser a expressão de um amor

⁸ “No sadismo, a fonte orgânica... aponta inequivocamente para outro objeto que não ele próprio, muito embora esse objeto seja parte do próprio corpo do sujeito” (Freud, 1915, p. 148). Essa afirmação de Freud porta uma ambigüidade exemplar, ao nosso ver, da complexidade relativa ao desenvolvimento pulsional, ao indicar a problemática que envolve as noções de auto-erotismo e narcisismo’ que, em última instância, encontram-se relacionadas num campo de mútuo engendramento que abarca, tanto da emergência de um ‘si mesmo’, narcisista, quanto o reconhecimento de um corpo próprio erógeno. O importante é que são os esforços motores dos impulsos sádicos que permitem que todas essas realizações, verdadeiras construções altamente complexas e sofisticadas, se efetivem.

cruel, impiedoso e violento, no qual os esforços em busca de prazer acabam por eludir, de uma forma ou de outra, a dimensão alteritária. Contudo, é bom lembrar que ele se encontra, no entanto, empenhado numa dupla criação - de si-mesmo e do mundo - com toda a complexidade que isso possa envolver. Podemos, então, afirmar que, nesses termos, a agressividade do sadismo é também, criatividade: é ele que enriquece o universo narcisista, ao expandir as suas fronteiras. Ainda que Freud não tenha se ocupado dessa temática, a maneira como conduz seu raciocínio legitima nossa conclusão.

De modo similar, podemos pensar sobre a agressividade que surge através da temática do ódio, cujos verdadeiros protótipos, para Freud (1915), “se originam não da vida sexual, mas da luta do ego para preservar-se e manter-se” (p.148). Chegamos, então, à parte do artigo de Freud que comporta mais ambigüidades, principalmente, no que tange ao caráter originário do ódio. Contudo, qualquer que seja a interpretação que se dê às colocações de Freud, resta incontornável o fato de o ódio ser considerado o sentimento que assinala a aparição da dimensão alteritária no horizonte narcisista. Enquanto no amor estamos nos domínios do já conhecido, no ódio encontramos-nos sob a ameaça narcísica oriunda do desconhecido. Vale lembrar que, como vimos anteriormente, a temática do ódio é abordada enquanto uma “reversão do *conteúdo* [que] encontra-se no exemplo isolado da transformação do amor em ódio” (p.148 – o grifo é do autor). É preciso ter em mente que, neste momento, Freud investiga o ódio que tem no amor a sua principal referência. Ainda que o reconhecimento quanto às origens distintas desses sentimentos torne a oposição amor/ódio um tanto mais complexa – haveria, de fato, uma tripla possibilidade de oposição: amor/ódio-indiferença, amar-ser amado e amor-ódio - e, justifique o comentário de Laplanche e Pontalis (1970) de que, para Freud, “a aparente transformação do amor em ódio é apenas uma ilusão” (p.39).

O caso do amor e do ódio, nos adverte Freud, “adquire especial interesse pela circunstância de que se recusa a ajustar-se ao nosso esquema das pulsões” (Freud, 1915, p. 154). De modo diverso ao do funcionamento pulsional – sempre parcial -, encontramos os sentimentos de amor e de ódio relacionados à experiências de totalidade: Freud concebe “o amor como sendo a expressão de *toda* a corrente sexual de sentimento” (p.154 – o grifo é do autor), bem como afirma que “as atitudes de amor e ódio não podem ser utilizadas para as relações entre os instintos e seus objetos, mas estão reservadas para as relações entre o

ego *total* e os objetos (p.159 – o grifo é nosso)”. Ou seja, são os afetos e não as pulsões que nos franqueiam as experiências de totalidade.

Devemos avaliar a relevância dessas considerações tendo em mente que essas duas dimensões – afetiva e pulsional – encontram-se, em Freud, mutuamente implicadas - “a polaridade do prazer-desprazer está ligada a uma escala de sentimentos, cuja *importância suprema na determinação de nossas ações* já foi ressaltada” (p.155 – o grifo é nosso). “Quando a fase puramente narcisista cede lugar à fase objetal, o prazer e o desprazer significam relações entre o ego e o objeto” (p.160). Em linhas gerais, podemos dizer que Freud enfatiza, basicamente, dois aspectos em sua investigação: por um lado o caráter violento da força pulsional e, por outro, a hostilidade do mundo externo. De tal modo que, tanto o mundo interno – pressão constante - quanto o mundo externo – excesso de estímulos - se apresentam como ameaças para um sujeito, que encontra no psiquismo um refúgio, uma defesa. Vale lembrar que, para Freud, as vicissitudes pulsionais são defesas contra as pulsões. Assim, a violência do mundo pulsional interno frente e a hostilidade do mundo externo forjam um sujeito valorizado pelo potencial de sua ação – violência e destruição –, às voltas com um psiquismo concebido como defesa.

Diante de tanto poderio, o que parece passar despercebido é o fato da dependência inerente à vida de todo o ser humano. Certamente Freud não deixa de mencionar o mais óbvio, a dependência absoluta dos primeiros momentos: somos absolutamente dependentes dos cuidados atenciosos de um “agente externo”, de modo especial, de seu investimento amoroso e narcísico. Mas, a coisa não pára por aí. Ele dá provas de admitir a dependência como um fato próprio à existência humana. Mesmo não sendo tematizada, a questão da dependência está implícita no texto, presente na descrição que Freud nos fornece da efetivação do desenvolvimento pulsional: é no interjogo entre o sujeito e um outro que ela acontece. A presença do outro é imprescindível à realização do sujeito. Somos dependentes da presença sensível e responsiva de um outro ser humano - uma ‘companhia viva’⁹ - para a efetivação dos processos de subjetivação ao longo das etapas do desenvolvimento pulsional. Um outro que, paradoxalmente, não se apresenta, de

⁹ *Companhia Viva* é o título do livro de Anne Alvarez. Essa temática será retomada no último capítulo desta tese.

início, como uma ameaça e que, acima de tudo, seja compassivo e tolerante, capaz de suportar a violência de nossas investidas amorosas.

Para concluir, algumas observações sobre a questão da dominação. Como observam Laplanche e Pontalis (1970), essa questão traz à luz o cerne da problemática na qual se inscreve a questão da agressividade em Psicanálise: a diferenciação eu/não-eu. Ou seja, o acesso à realidade em sua qualidade de externalidade, juntamente com as possibilidades de intercâmbio entre essas duas instâncias. A noção de uma pulsão de dominação é algo que, no entanto, nunca foi suficientemente esclarecido por Freud. Em 1915, não há propriamente uma referência a uma pulsão de dominação. Ao invés disso encontramos Freud (1915) atribuindo ao sistema nervoso a tarefa de “*dominar estímulos*”, como um postulado necessário, “de natureza biológica [que] utiliza o conceito de ‘finalidade’ (ou conveniência)” (p.140), que se encontra, por sua vez, em consonância com a possibilidade de existência de uma atividade na qual “o mundo externo não é catexizado com interesse”. Laplanche e Pontalis (1970) reconhecem aí a postulação de “uma espécie de campo intermediário entre a simples *atividade* inerente a toda função e uma tendência para a destruição pela destruição” (p. 40 – o grifo é do autor), numa enigmática referência ao exercício da pulsão de morte.

Para Freud, a dominação é um funcionamento inerente ao ser/estar vivo, o qual ele não está seguro de poder definir como pulsional. Ela se constitui como condição inaugural do próprio psiquismo, como o principal meio através do qual se efetua o intercâmbio entre o interno e o externo – a alternativa seria a fuga. Desse modo, a consideração da dominação sugere a possibilidade de existência de um tempo de indistinção entre eu/não-eu - o afeto do ódio está ausente – que renova o debate sobre o problema da destruição.

Aliás, a temática da destruição aparece, precisamente, em apenas quatro momentos do texto de 1915, portando uma certa ambigüidade e chegando, até mesmo, a se tornar indiscernível da própria noção de pulsão. Vejamos, então, como a coisa se passa. Num primeiro momento, Freud (1915), ao se questionar sobre os instintos primordiais, afirmará que uma pulsão de destruição é, dentre outras, algo altamente especializado - “Não devemos deixar de nos perguntar se motivos pulsionais como esses, [uma pulsão lúdica ou de destruição ou de estado gregário], tão altamente especializados [...] não permitem

ulterior dissecação” (p.144). Num segundo momento, encontramos a referência a uma “intenção de destruir”, presente numa fase já avançada do desenvolvimento:

Quando a fase puramente narcisista cede lugar à fase objetual, o prazer e o desprazer significam relações entre o ego e o objeto. Se o objeto se torna uma fonte de sensações agradáveis, estabelece-se uma ânsia (*urges*) motora que procura trazer o objeto para mais perto do ego e incorporá-lo ao ego. Falamos da ‘atração’ exercida pelo objeto proporcionador de prazer, e dizemos que ‘amamos’ esse objeto. Inversamente, se o objeto for uma fonte de sensações desagradáveis, há uma ânsia (*urges*) que se esforça por aumentar a distância entre o objeto e o ego, e a repetir em relação ao objeto a tentativa original de fuga do mundo externo com sua emissão de estímulos. Sentimos a ‘repulsão’ do objeto, e o odiamos; esse ódio pode depois intensificar-se ao ponto de uma inclinação agressiva contra o objeto — uma intenção de destruí-lo (p.159 – o grifo é do autor).

Nessa passagem, encontramos a primeira e única vez que Freud utiliza a palavra agressividade em seu artigo. É aqui, nesse ponto avançado do desenvolvimento, quando a fase puramente narcisista cede lugar à fase objetual, que encontramos uma ‘inclinação agressiva’ - uma intenção de destruir. Num terceiro momento, ao comentar a inexistência de uma conexão íntima entre o ódio e o prazer ou a função sexual, ele afirmará:

A relação de *desprazer* parece ser a única decisiva. O ego odeia, abomina e persegue, com intenção de destruir, todos os objetos que constituem uma fonte de sensação desagradável para ele, sem levar em conta que significam uma frustração quer da satisfação sexual, quer da satisfação das necessidades autopreservativas. Realmente, pode-se asseverar que os verdadeiros protótipos da relação de ódio se originam não da vida sexual, mas da luta do ego para preservar-se e manter-se (Freud, 1915, p. 159-0, o grifo é do autor).

E, por fim, ao comentar as fases iniciais do desenvolvimento libidinal:

Reconhecemos a fase de incorporação ou devoramento como sendo a primeira dessas finalidades [dos instintos sexuais] — um tipo de amor que é compatível com a abolição da existência separada do objeto e que, portanto, pode ser descrito como ambivalente. Na fase mais elevada da organização sádico-anal pré-genital, a luta pelo objeto aparece sob a forma de uma ânsia (*urges*) de dominar, para a qual o dano ou o aniquilamento do objeto é indiferente. O amor nessa forma e nessa fase preliminar quase não se distingue do ódio em sua atitude para com o objeto. Só depois de estabelecida a organização genital é que o amor se torna o oposto do ódio’ (Freud, 1915, p.160-1 – o grifo é do autor).

A princípio, ficamos com a impressão de que a intenção de destruir seria algo secundário - algo “altamente especializado”, que surge numa fase avançada do desenvolvimento. Contudo, ao nos depararmos com esse caráter tão decisivo do desprazer - capaz de despertar um ódio que não está relacionado com a frustração quer da satisfação

sexual, quer da satisfação das necessidades autopreservativas - somos obrigados a repensar nossa primeira impressão. Nos lembramos, então, da afirmação de Freud (1914) acerca da ‘tendência a dominar’ inerente ao aparelho psíquico: “reconhecemos nosso aparelho mental como sendo, acima de tudo um dispositivo destinado a dominar (*bewältigung*) as excitações que de outra forma seriam sentidas como aflitivas ou teriam efeitos patogênicos” (p. 102). Desse modo, chegamos à conclusão de que *evitar o desprazer* é o que há de mais primordial para Freud nesse momento: são as excitações aflitivas e não as prazerosas que nos impelem e nos colocam em movimento – repúdio primordial ou dominação. E, como já vimos, é da eficácia desse movimento que advém orientação e discernimento. A definição que emerge como um precipitado a partir da constatação do efeito do movimento realizado: a fuga, ou a superação de uma situação que, até então, se apresentava como avassaladora – dominação. O essencial é que, para Freud, a busca pelo prazer parece ser algo secundário nesse momento.

É, pois, nessa conjuntura que devemos pensar a temática da destruição, atentos à maneira pela qual ela, aí, se introduz, chegando até mesmo a se confundir com a noção de dominação. Pelo que vimos até agora, antes de qualquer coisa, a destruição visa eliminar o desprazer. E, como, para Freud, os estímulos externos são as principais fontes de desprazer, a emergência de toda e qualquer instância alteritária consistirá numa ameaça, devendo, portanto, ser destruída enquanto tal. Acontece, no entanto, que há estímulos que, a despeito das sensações aflitivas, ainda assim conduzirão a uma obtenção de prazer. Mas isso, a princípio, é indiscernível. Essa condição é capital para que possamos acompanhar Freud, nesse momento. É assim que chegamos ao importante papel que a dor irá desempenhar junto à economia psíquica, o qual complexifica os horizontes de uma investigação acerca dos comportamentos e sentimentos hostis e agressivos. Para Freud (1915), “as sensações de dor, assim como outras sensações desagradáveis, beiram a excitação sexual e produzem uma condição agradável, em nome da qual o sujeito, inclusive, experimentará de boa vontade o desprazer da dor” (Freud, 1915, p. 149). Encontramos, assim, a equivalência subversiva entre dor e prazer, entre amor e destruição, assinalando que, de algum modo, algo do exterior – as sensações aflitivas denunciam essa origem – veio habitar o interior. Desse modo, a dor pelo ‘contato’ com uma existência separada é assimilada, transformando

aquilo que seria ameaçador para a organização narcisista do ego em fonte de prazer, objeto de amor – destruição da dimensão alteritária no âmbito do amor narcisista.

A hipótese de uma pulsão de morte aparece em 1920, em *Além do Princípio do Prazer*, juntamente com um debate sobre a questão da fusão/desfusão¹⁰ (pulsional), propiciando a teorização de uma pulsão agressiva independente, inaugurando o terceiro e último contexto da temática da agressividade na obra freudiana. Sem dúvida alguma, o mais importante, por se inscrever no contexto mais amplo das grandes reformulações teóricas impostas ao campo analítico com o aparecimento da segunda teoria pulsional. Nele, a agressividade surgirá como um dos pilares dessa nova concepção pulsional que, por sua vez, se fez acompanhar de perto por uma profunda remodelação do aparelho psíquico, conhecida como a segunda tópica.

Aqui produzimos um corte. Não nos ocuparemos com o terceiro contexto, ainda que possamos reconhecer a sua extrema importância. Nosso interesse em expor, de modo mais abrangente, o segundo contexto teórico está relacionado à escolha do psicanalista inglês D.W.Winnicott como principal referência teórica desta tese. É fato notório a crítica desse psicanalista ao conceito de pulsão de morte, bem como a sua preferência pelas formulações contidas na primeira teoria pulsional freudiana. E, como observa Souza (2001), para que possamos “compreender a produção da posteridade freudiana não como teoria obsoleta, mas como fonte de aprendizado para a prática clínica” (p. 289), precisamos ter em mente não apenas o ambiente cultural em que essas contribuições se realizaram, mas nos colocarmos o mais próximo possível no lugar do leitor:

... que lia Freud a medida que ele escrevia, ignorando tanto o futuro dos conceitos e idéias com as quais entrava em contato quanto a direção que Freud daria ao que propunha ou o que acataria das contribuições dos seus discípulos. O leitor, enfim, não apenas de Freud, mas de toda a produção dos psicanalistas da época, e que precisava orientar-se em meio a tudo isso (Souza, 2001, p. 289).

Nossa intenção é permitir que o leitor possa apreender a originalidade da teoria winnicottiana da agressividade sem, no entanto, deixar de perceber o quanto esta se

¹⁰ Estamos cientes de não termos abordado em nosso relato a evolução da questão sobre a fusão/desfusão das pulsões, que acompanha os momentos da teorização freudiana por nós considerados. Apesar da importância dessa temática ela excede, em muito, os limites pretendidos desta tese.

encontra fortemente enraizada na tradição freudiana, especialmente na que se delineou a partir de 1915¹¹.

2.2 Agressividade, destrutividade, violência e pulsão de morte.

Em 1920, pressionado por impasses clínicos, Freud traz à luz os fenômenos relacionados à compulsão a repetição, produzindo um amplo debate sobre os limites do funcionamento do princípio do prazer que resulta na elaboração de uma nova teoria pulsional, composta agora pelas pulsões de vida e pela pulsão de morte. Essa reformulação permite que a questão da agressividade possa ser retomada, agora, sob os auspícios da tendência destrutiva, de retorno ao inorgânico da pulsão morte. Como já vimos, o texto de 1929, *Mal-estar na Civilização*, representa o ponto de culminância da elaboração freudiana acerca da agressividade.

Green (1988) observa que em 1971, por ocasião do Congresso Internacional de Psicanálise¹², cujo tema dos debates versava sobre a temática da agressividade, podia-se “constatar que a quase totalidade dos analistas continuava cética com respeito à existência das pulsões de morte, com exceção dos kleinianos” (p.11) que, no entanto, lhe davam uma significação bastante diferente da proposta por Freud¹³. Ao tentar compreender os rumos tomados pelo movimento psicanalítico, após a virada de 1920, Green nos brinda com algumas observações que consideramos extremamente pertinentes:

Foi necessária audácia para propor aos psicanalistas, ainda embriagados por um apetite de conquista, que aceitassem reconhecer este implacável exército das sombras. [...] O que no começo era somente uma especulação que os psicanalistas não eram obrigados a aceitar, torna-se-ia, no decorrer dos anos, em função da clínica – e também dos fenômenos sociais – uma certeza, pelo menos para Freud, pois não se pode dizer que tenha sido unanimemente seguido neste ponto (Green, 1988, p. 11-2).

¹¹É importante notar que a crítica de Winnicott visa apenas o conceito de pulsão de morte, não atingindo a segunda tópica do aparelho psíquico.

¹²Celebrava-se neste congresso o retorno de Freud à Viena, na pessoa de sua filha Anna.

¹³Laplanche e Pontalis (1970) chamam a atenção para o fato de que a dualidade entre as pulsões de vida e as pulsões de morte foi, freqüentemente, assimilada pelos psicanalistas como sexualidade versus agressividade, o que não é correto, pois opera uma simplificação da hipótese freudiana. Eles reconhecem, no entanto, que o próprio texto freudiano teria contribuído para isso. Para maiores esclarecimentos recomendamos a leitura do *Vocabulário de Psicanálise*, dos referidos autores.

Na década de 20 já era notável a diferença entre o freudismo berlinense organizado em torno de Karl Abraham, a tradição vienense centrada na figura de Freud e a Sociedade Britânica de Psicanálise, que já reunia nomes como os de Ernest Jones e James Strachey. Duas dissidências já haviam se dado no movimento psicanalítico: Adler, que nunca chegara a aceitar totalmente as idéias de Freud e Jung que, de modo distinto, havia ocupado o lugar do discípulo dileto de Freud. Em Viena, Freud havia radicalizado a sua concepção acerca da pulsão, sustentando a origem interna da pulsão de morte. Em Berlim, Abraham apresenta um ensaio teórico sobre as fases do desenvolvimento da libido; em Budapeste, Ferenczi defende a necessidade de elasticidade da técnica. O enfrentamento das dificuldades encontradas na clínica era o grande motor a impulsionar os psicanalistas. Contudo, enquanto Freud buscava ultrapassar os impasses clínicos através do aprimoramento teórico, seus discípulos, valorizando a dimensão terapêutica, experimentavam inovações no âmbito da técnica. Como assinala Green (1990), Freud fazia o possível para não se afastar de uma base teórica que tinha como certa: a primazia das pulsões – reafirmando com o conceito de compulsão à repetição a quase autonomia do funcionamento pulsional. Se Freud desconfia de todo deslizamento em direção ao objeto e aos fatores ambientais, promovido pelos discípulos, é porque teme uma regressão da teoria psicanalítica a uma concepção que atribui muito à conjuntura, ao real, à eventualidade. No seu entender, a consideração desses fatores representava uma ameaça, suscetível restabelecer a prevalência do consciente em detrimento da parte do inconsciente. Em suma, a atitude de Freud para com os discípulos era duplamente orientada. Ao mesmo tempo em que buscava respeitar as opiniões diferentes das suas, não deixava de exercer uma forte vigilância sobre as idéias que poderiam colocar em risco a sua grande descoberta e frágil conquista: inconsciente. Para Green (1990), enquanto Freud encontrava-se preocupado em enfatizar o poder criador do inconsciente – o que o levava a encarar de modo reticente o papel desempenhado pelo objeto – seus discípulos eram conduzidos a se defrontarem cada vez mais com a problemática das relações objetais¹⁴.

¹⁴ O impacto exercido pela ‘virada de 1920’ no seio do movimento psicanalítico é um tema extremamente amplo e controverso que exigiria uma investigação que excede em muito os limites do presente trabalho. Nos limitamos em oferecer ao leitor apenas algumas linhas de fuga. Que elas sejam, ao menos, instigantes e sugestivas de maiores pesquisas, já terão cumprido o seu papel.

A valorização dos fatores ambientais tem como consequência a priorização de uma dimensão não-pulsional da experiência na constituição do psiquismo. Souza (2001), descreve com muita precisão e clareza os principais deslocamentos que aí se operam, na passagem das teorias que privilegiam a dimensão pulsional para as teorias da relação de objeto:

Ao valorizar as qualidades das experiências de tranquilidade e quietude do bem-estar proporcionadas pelos cuidados maternos, as teorias da relação de objeto se desenvolvem à custa da restrição do alcance da teoria pulsional, e não por seu remanejamento. [...] É importante notar, contudo, que a restrição do alcance da teoria pulsional não implica em seu abandono. De modo geral, [...] a experiência pulsional conserva nas teorias de relação de objeto o caráter econômico de descarga de tensão da metapsicologia freudiana, assim como sua vinculação às funções corporais. Em contrapartida - e isso é o mais importante -, deixa abranger a totalidade da experiência subjetiva [...] Ao lado da experiência pulsional e a antecedendo é concebida uma dimensão experiencial não-pulsional de abertura primitiva ao outro: o amor primário em Balint e a identificação primária feminina em Winnicott (Souza, 2001, p.294).

O ponto a ser destacado é o não-abandono da teoria pulsional pelos teóricos das relações de objeto. O que existe é apenas uma restrição do seu alcance. Contudo, a preocupação, cada vez maior com os estágios pré-edípicos conduziria a uma mudança no foco do pai para a mãe. Nesse sentido, a obra de Winnicott é exemplar: a relação mãe-bebê não apenas é o alicerce a partir do qual ele formula suas contribuições teóricas como serve de modelo à experiência clínica.

Nosso intuito em trazer essas reflexões é de chamar a atenção para o fato de que, a aparente unanimidade quanto a aceitação e à significação da noção freudiana de pulsão de morte comporta, na realidade, desde a sua formulação, uma diversidade de matizes, sensibilidades e orientações teóricas. Além do mais, paralelamente à forma de se conceber esse conceito tão central, existe também a maneira como cada psicanalista o integrou à teoria freudiana que o antecede. Os trabalhos de Melanie Klein, de Winnicott e de Lacan – três grandes nomes da posteridade freudiana - ilustram bem este estado de coisas: a noção que cada um desses autores atribui ao conceito de pulsão de morte não apenas varia como também se encontra estreitamente relacionada à maneira que cada um tem de integrar os dois momentos de teorização da obra freudiana – antes e depois de 1920. Em Klein, encontramos a equivalência entre pulsão de morte, agressividade e destrutividade. Aliás, coube a ela revelar a importância da agressividade (destrutividade) para a constituição do psiquismo. Winnicott, por sua vez, mesmo partilhando com Klein a importância desses

impulsos para a emergência da vida psíquica, jamais aceitou o conceito de pulsão de morte. Para ele, a agressividade primária é um fenômeno não-pulsional, que tem sua origem na motilidade inerente aos impulsos vitais. Por fim, a teoria lacaniana opera dois deslocamentos: abole a dualidade pulsional, afirmando que toda pulsão é, ao mesmo tempo, pulsão de morte e sexual, ao mesmo tempo em que postula a primazia da instância pulsional na estruturação do psiquismo. A valorização da força pulsional – *drang* – em termos do *quantun* pulsional, contribuirá para o aparecimento da noção de gozo, bem como da idéia de violência psíquica, tornando secundário o problema da agressividade.

2.3 Melanie Klein ou a importância da agressividade (destrutividade) para a emergência da vida psíquica.

Certamente, Melanie Klein¹⁵ foi a mais importante dentre os pós-freudianos: responsável pela primeira transformação criativa do freudismo. A chegada de Klein à Londres, em 1926, produz profundas transformações na situação da psicanálise local, e, em pouco tempo irá repercutir no movimento internacional. Nessa mesma época, Anna Freud, a herdeira legal de Freud, tal qual Klein, inicia o atendimento de crianças pequenas. Ambas tinham em comum o fato de serem analistas leigas - não dispunham da formação médica. A rivalidade entre elas, no entanto, não tardou a aparecer, iniciando-se quando Klein ainda estava em Berlim. A partir de 1935 essa oposição adquire novos contornos. Por um lado, Klein introduz o conceito de “posição depressiva”, tornando manifesta a oposição às suas idéias dentro da própria Sociedade Britânica de Psicanálise. Por outro, a expansão nazista

¹⁵ Pioneira da psicanálise com crianças, Melanie Klein nasceu em Viena, em 1882. Após seu casamento, Klein se estabelece em Budapeste entre 1910 e 1920, período em que trava os primeiros contatos com a obra de Freud e é analisada por Ferenczi. Atendendo à sua sugestão, inicia o tratamento analítico de crianças. As contribuições de Klein logo despertariam o interesse da comunidade analítica. Enquanto os trabalhos de Freud consistiam em extrapolações retrospectivas da infância, os de Klein procediam da observação direta de crianças. Em 1920, fugindo a pressões políticas e atendendo a um convite de Karl Abraham para trabalhar no Instituto Psicanalítico de Berlim, muda-se para a Alemanha, iniciando uma segunda análise com Abraham em 1924. Neste mesmo ano, sua comunicação no congresso de Salzburgo traz à luz idéias inovadoras e ousadas que questionam alguns aspectos do complexo de Édipo. O confronto com Anna Freud torna-se inevitável. Em julho de 1925, Melanie Klein realiza, por iniciativa própria, uma série de palestras para os membros da SBP. Com a morte prematura de seu analista Karl Abraham, em dezembro de 1925, encontra-se privada de seu principal apoiador. Sua situação em Berlim torna-se, então, mais difícil em virtude das divergências teóricas que, a esta altura, já eram notáveis. Em 1926, Klein muda-se para Londres, aceitando o convite feito por Ernest Jones.

traz à Inglaterra a família e os amigos de Freud, acirrando mais ainda essa oposição, com a diferença de que a maioria das partes em conflito encontrava-se agora reunida sob um mesmo teto, o da Sociedade Britânica de Psicanálise (Kohon, 1994).

Após um longo período de conflitos e discussões internas, organizou-se uma série de reuniões que tinha por objetivo esclarecer a posição de Klein frente a metapsicologia freudiana. ‘As Controvérsias’, nome pelo qual se tornaram conhecidos esses debates, constituíram um dos períodos mais importantes da SPB¹⁶. Mesmo não tendo tido êxito em solucionar as cisões internas, os ingleses conseguiram desenvolver maneiras de permitir que os grupos rivais co-existissem. Ao final, esse processo resultou no reconhecimento legal da existência de três tendências na SBP. Surgia, assim, o Grupo Intermediário ou Independente – o *Middle Group* – composto pelos analistas que não se definiam quer como seguidores de A. Freud, quer como discípulos de Klein. Inaugurava-se, aí, o que se tornaria conhecido como a “Tradição Independente” da SBP. Pela primeira vez no movimento psicanalítico, um conflito de opiniões sobre questões teóricas e técnicas não terminava em dissidência ou expurgo.

O Grupo Independente, do qual faziam parte Winnicott, Balint, e Fairbairn e muitos outros, sempre foi o mais numeroso e mais apto a exercer o poder geral na SBP, até porque era o menos ameaçador e o mais disposto à discussão. O Grupo Freudiano contava com a importante presença de Anna, herdeira nominal de Freud. Ele mantinha excelentes relações com a cada vez mais poderosa e prestigiada comunidade psicanalítica americana, cujos principais líderes eram emigrados austríacos e alemães, que haviam se organizado na chamada “Psicologia do Ego”. O Grupo Kleiniano era o mais aguerrido, o mais organizado e, teoricamente o mais coeso na SBP.

Sem sombra de dúvida, o trabalho de Klein representa um marco na origem das chamadas teorias de ‘relações objetais’. Com Klein e seus seguidores o conceito freudiano de pulsão de morte será abordado nos termos dos impulsos agressivos presentes no

¹⁶ A complexidade desses debates pode ser apreendida através da literatura disponível sobre o assunto. Brome, V. (1982), *Ernest Jones – Freud’s Alter Ego*; Gillespie, W. H. (1963), *Jubilee oration. The British Psycho-Analytical society: retrospect and prospect, fiftieth anniversary*; Glover, E. (1949), *The position of psycho-analysis in Britain*, (1966), *psycho-Analysis in England*; King, P. (1979), *The contributions of Ernest Jones to the British Psycho-Analytical Society*, (1981), *The education of a psycho-analyst*, (1983), *The life and the work of Melanie Klein in the British Psycho-Analytical Society*; Schmideberg, M. (1971), *A contribution to the history of the psycho-analytic movement in Britain*; Segal, H. (1979), *Klein*; Steiner, (1985), *Some thoughts about tradition and change arising from an examination of the British Psycho-Analytical Society’s Controversial Discussions (1943-1944)*.

sadismo, na voracidade e na inveja. A dualidade pulsional sendo reduzida à oposição entre sexualidade e agressividade. Segundo Figueiredo (1999), a interpretação kleiniana do conceito de pulsão de morte opera uma simplificação na tese do dualismo pulsional defendida por Freud, inaugurando uma tradição – extremamente importante no campo freudiano - que, a seu ver, constitui-se a partir “muito mais de um *uso* e mesmo de um *abuso* kleiniano da pulsão de morte freudiana” (p.28, o grifo é do autor). Souza (2000) assinala, no entanto, que as formulações propostas por Klein, resultam numa ênfase quanto à natureza simbólica dos mecanismos psíquicos, em virtude da ampliação do conceito de fantasia, concebida, nesse contexto, como o conteúdo primário de todos os processos psíquicos:

Não se trata somente de afirmar que os mecanismos psíquicos são sempre desencadeados por significações, ou seja, por experiências psíquicas, mas de afirmar, além disto, que os mecanismos psíquicos são, neles mesmos, expressões significativas, e não apenas reações diante de significações (Souza, 2000, p.208).

A partir da observação e da interpretação da brincadeira infantil, Klein promove uma investigação acerca dos primórdios da vida psíquica, impulsionada pelo trabalho clínico com crianças muito pequenas ou perturbadas. Ela não tardou a reconhecer e enfatizar a importância decisiva das pulsões agressivas (destrutivas) para a gênese do psiquismo. Até então, a teoria freudiana havia apenas valorizado o papel desempenhado pela sexualidade. No entender de Figueiredo (1999), em Klein ‘o *instinto de morte* torna-se falante e adquire o direito a uma presença conspícua no campo dos fenômenos clínicos” (p.35, o grifo é do autor).

Através da interpretação das brincadeiras infantis Klein redefine o espaço psíquico: constrói imagens até então inéditas, reveladoras daquilo que ela denominou como o mundo interno da criança. “Ela foi a primeira a formular, embora freqüentemente numa linguagem psicanalítica densa, a intensidade passional dos primórdios da vida emocional” (Phillips, 1988, p.9). Angústias persecutórias arcaicas são responsáveis pela colocação em marcha do funcionamento psíquico e pelo aparecimento de mecanismos de defesa primitivos. A dor psíquica – o medo, a culpa, a ansiedade, a depressão – são colocados no centro do desenvolvimento humano. Tanto as teorias de Klein sobre o desenvolvimento emocional primitivo, quanto a importância que ela atribui aos impulsos agressivos e destrutivos nesse processo, foram cruciais para Winnicott. De fato, o trabalho desse autor

não pode ser compreendido sem uma referência ao de Klein. “A importância do mundo interno e de seus objetos, o poder penetrante da fantasia, a centralidade da noção de voracidade primária – todas essas idéias Winnicott retira de Klein e usa de maneira própria” (Idem).

Winnicott compartilhou com Klein a crença quanto à importância fundamental e decisiva dos primeiros momentos do desenvolvimento. Contudo, desde o começo, ele afirmaria que o bebê busca contato com outras pessoas, e não simplesmente gratificação instintual: “O impulso agressivo [...] é extremamente poderoso e faz parte da pulsão que clama por relacionamentos. É [...] uma parte essencial do impulso primitivo de amor” (Winnicott, 1952a, p.35). Em outras palavras, “não é a satisfação instintual que faz um bebê começar a ser, sentir que a vida é real, achar a vida digna de ser vivida” (Winnicott, 1967d, p.137). Para Winnicott, desde os primeiros momentos, o bebê se inicia na vida como um ser humano profundamente sociável: ele clama por intimidade, e não apenas por alívio de tensão – por relacionamentos e, não simplesmente por satisfação.

Winnicott nunca aceitou o conceito freudiano de pulsão de morte. Como observa Ferreira (2003) nele, bem como nos autores da chamada Tradição Independente, a importância do conceito de pulsão será substituída por uma teoria das relações objetais precoces, correlata de uma ênfase na importância dos fatores externos e do meio ambiente. Figueiredo (1999) acredita que a crítica de Winnicott ao conceito de pulsão de morte diz respeito muito mais ao uso que a tradição kleiniana fez dessa noção. De todo modo, a noção de agressividade não deixa de ser central na obra desse psicanalista inglês. Aliás, como observa Phillips (1988), “foi através da compreensão da agressão que Winnicott finalmente se separaria de Klein” (p.104).

2.4 A questão da agressividade em Winnicott: premissas e pressupostos

*Em nenhum campo cultural é possível ser original,
exceto numa base de tradição*

D. W. Winnicott

O médico e psicanalista inglês, Donald Woods Winnicott, juntamente com Melanie Klein e Anna Freud, foi uma das principais referências da psicanálise na

Inglaterra, na geração que sucedeu a Freud. Reconhecido por seu espírito independente, avesso à dogmatismos e excepcional gênio clínico, foi responsável pela introdução da psicanálise de crianças na Inglaterra, antes da chegada de Melanie Klein a Londres. Na condição de integrante do *Middle Group*, desempenhou um importante papel na interlocução com os demais grupos da Sociedade Britânica de Psicanálise, reunidos em torno de Klein e A. Freud. Sua herança conceitual encontra-se entre as mais importantes da posteridade freudiana.

Winnicott nasceu em 7 de Abril de 1896, em Plymouth, província de Devon, conhecida pela tradição metodista não-conformista. Foi o caçula e único filho homem de Frederick e Elizabeth Winnicott, que tinham mais duas filhas: Cathlenn e Violet, respectivamente, cinco e seis anos mais velhas que ele. O pai foi um bem-sucedido comerciante, que por duas vezes chegou a ser prefeito da cidade. Em reconhecimento a seu trabalho cívico, foi nomeado cavaleiro. Winnicott cresceu em um universo marcado pela presença de muitas mulheres: a mãe, a avó, uma babá, uma governanta e as duas irmãs. Certa vez ele confessou que se considerava filho único de várias mães. Aos 13 anos foi estudar em Cambridge como aluno interno do Leys School. Nasceria ali a sua paixão pela biologia e pelas idéias de Darwin. Do mesmo modo, o episódio em que foi enviado para a enfermaria da escola por ter fraturado a clavícula seria decisivo para a sua escolha pela medicina. Cativado pelas idéias de Darwin, estudou biologia no Jesus College, em Cambridge e, depois Medicina no St. Bartolomew's Hospital em Londres. Ainda na faculdade, intrigado pelo fato de não ser capaz de lembrar de seus sonhos, deparou-se com um livro sobre Freud, enquanto buscava em uma livraria uma leitura capaz de auxiliá-lo. Durante a primeira guerra serviu como cirurgião estagiário. Terminada a guerra voltou a estudar, formando-se em 1920.

O ano de 1923 seria um ano de muitos começos para Winnicott: ele se casa, é nomeado médico pediatra do Paddington Green Children's Hospital - cargo que ocupou durante 40 anos, chegando a atender mais de 60 mil casos -, e inicia sua primeira análise, com James Strachey. As décadas de 20 e de 30 marcaram um período de grande efervescência na Sociedade Britânica de Psicanálise. A chegada de Klein com suas idéias inovadoras, em 1926, estimulou ainda mais os debates científicos, que tiveram o seu ponto

de culminância com a vinda A. Freud, em 1938. Encontramos nas próprias palavras de Winnicott (1962c) a descrição de como foi o seu encontro com a psicanálise àquela época:

... nos anos 20, tudo tinha o complexo de Édipo em seu âmago. A análise das neuroses conduzia o analista repetitivamente às ansiedades pertencentes à vida instintiva do período dos 4 a 5 anos do relacionamento da criança com seus pais. dificuldades anteriores que vinham à tona eram tratadas em análise como regressão a pontos de fixação pré-genitais, mas a dinâmica vinha do complexo de Édipo marcadamente genital da meninice ou meninice posterior que é imediatamente anterior à passagem do complexo de Édipo e início do período de latência. Então, inumeráveis histórias clínicas me mostravam que crianças que se tornaram doentes, seja neuróticos, psicóticos, psicossomáticos ou anti-sociais, revelavam dificuldades no seu desenvolvimento emocional na infância, mesmo como bebês. Crianças hipersensíveis paranóides podiam até ter começado a ficar assim nas primeiras semanas ou mesmo dias de vida. Algo estava errado em algum lugar. Quando vim a tratar crianças pela psicanálise pude confirmar a origem das neuroses no complexo de Édipo, mas mesmo assim sabia que as dificuldades começavam antes. [...] Os bebês podiam ficar emocionalmente doentes (Winnicott, 1962c, p.157).

Em seu relato ele não deixa de reconhecer a importância de Melanie Klein para a sua formação, com quem ele confessa ter aprendido psicanálise:

Tornou-se um momento importante em minha vida aquele em que meu analista interrompeu minha análise e me falou de Melanie Klein. [...] ‘Se está aplicando teoria psicanalítica a crianças, deveria travar conhecimento com Melanie Klein. Ela foi atraída à Inglaterra por Jones para fazer a análise de alguém muito especial para Jones (seu filho); ela está afirmando coisas que podem ou não ser verdade, e deve descobrir por si mesmo pois não conseguirá o que Melanie Klein ensina em minha análise de você’.

De modo que fui ver e ouvir Melanie Klein, e descobri uma analista que tinha muito que dizer sobre as ansiedades que pertencem ao primeiro ano; me instalei para trabalhar auxiliado por ela. [...] Na base dessa análise pré-kleiniana que realizara baseado na minha própria por Strachey, vim a aprender algo da imensidão de coisas que descobri que ela já sabia. [...] Aprendi então psicanálise com Melanie Klein. [...] uma mestra pioneira (Idem).

A partir da análise de crianças muito pequenas, Klein faz recuar, cada vez mais, o ponto de origem do Complexo de Édipo: uma emergência precoce, que se daria em torno dos seis meses de vida. No entanto, a radicalização das suas idéias aconteceria em 1935, com a introdução do conceito de posição depressiva, que desloca a centralidade desse complexo na estruturação da vida psíquica. Klein postula a existência de um conflito de importância vital para o desenvolvimento emocional: a tomada de consciência, pela criança, de seus impulsos, idéias e sentimentos destrutivos com relação ao objeto amoroso. Um conflito que se daria, no entanto, num relacionamento a dois e não à três. Daí a reação

dos psicanalistas da época. Nesse mesmo ano, Winnicott inicia uma supervisão com Klein que duraria seis anos. Sua intenção era ser analisado por ela, mas ela o recusou pois queria que ele tomasse em análise o seu filho caçula, o que ele fez durante o período de 1935-1939. Ao final da década de 1930, Winnicott submeteu-se a uma segunda análise com Joan Riviere.

Como assinala Davis (1981), a crença de Winnicott de que a vida vale a pena de ser vivida talvez tenha sido um dos fatores que mais influência exerceu na sua obra. Sua fé na vida e na natureza humana não tinha, no entanto, nada de romântico. Ele tinha plena consciência do fato de que “a vida é difícil, inerentemente difícil para todo ser humano desde o começo da vida” (Winnicott, 1946a, p. 144). Do mesmo modo, ele estava ciente das enormes dificuldades que se originam da vida em sociedade. Apesar disso, ele alimentava a convicção de que a vida poderia ser valiosa e criativa para cada ser humano. Daí a sua não-aceitação da explicação de Freud sobre a natureza da agressividade humana em termos de pulsão de morte. Ao invés da tendência destrutiva, de retorno ao inorgânico, Winnicott acreditava na potencialidade criativa dos impulsos vitais inerentes à natureza humana: “De uma maneira ou de outra, nossa teoria inclui a crença de que viver criativamente constitui um estado saudável, e de que a submissão é uma base doentia para a vida” (Winnicott, 1971e, p. 95). A doença é, para ele, a inibição da espontaneidade própria ao viver.

Ele estava, portanto, fortemente comprometido com a idéia de processos naturais¹⁷ de desenvolvimento – derivada da biologia darwiniana -, ancorado na crença quanto à existência de um impulso biológico por detrás de todo progresso. No seu entender a psicanálise havia inovado ao revelar que existia algo que não era meio ambiente, numa época em que todos atribuíam às influências externas os descaminhos experimentados pelo sujeito. Contudo, a seu ver, não se tratava de desprezar, desde então, os fatores externos: “a coisa era como retornar ao meio ambiente sem perder tudo o que fora ganho pelo estudo dos fatores internos” (Winnicott, 1967c, p.439).

¹⁷ Apesar da imprecisão que a palavra ‘natural’ comporta, ela é muito freqüente no vocabulário de Winnicott. Abram (2000) acredita que ela seja utilizada por ele para designar processos cuja efetivação independe dos impulsos instintuais. Para Phillips (1988), esta palavra foi responsável por muitos mal-entendidos na compreensão de seus textos.

Existem idéias na teoria de seleção natural de Darwin que são essenciais à teoria do desenvolvimento emocional de Winnicott. Dentre elas, a mais importante, na opinião de Davis (1981), é a de que a evolução, tanto biológica quanto cultural são inseparáveis e dependem do processo de individuação. Além disso, a própria noção de evolução traz em si a idéia de progressão, o que implica que as coisas não permanecem paradas. Trata-se de uma noção que é central para a compreensão do pensamento de Winnicott. A passagem abaixo é um dos muitos exemplos que atestam a presença dessa idéia na sua obra:

Vamos partir do princípio de que o desenvolvimento inicial do indivíduo implica num *continuar a ser*. O psicossoma inicial prossegue ao longo de uma certa linha de desenvolvimento, desde de que esse *continuar a ser não seja perturbado* (Winnicott, 1949b, p.334 – os grifos são do autor).

A expressão utilizada por Winnicott “*going on being*”, freqüentemente traduzida por ‘continuidade do ser’ ou simplesmente ser, bem como a noção de ‘linha da vida’, é exemplar dessa realidade processual inerente ao fluxo vital, a partir da qual ele concebe o existir humano. No seu entender, a teoria clássica e o tratamento psicanalítico da neurose tomam como certo algo muito básico: que o paciente é uma pessoa. Parte-se da suposição de que o paciente tem uma personalidade unificada e estável, disponível para a interação com outros. Desse modo, a localização do *self*¹⁸ no próprio corpo é, na maioria das vezes, tida como óbvia. No entanto, como ele nos adverte, “uma grande parte do que tendemos a considerar como óbvio teve um começo e uma condição a partir dos quais iniciou-se o seu desenvolvimento” (Winnicott, 1945a, p. 223).

A noção de desenvolvimento é central no trabalho de Winnicott. Encontramos, de modo reiterado em seus textos, sua preocupação em nos apresentar a noção de desenvolvimento como a chave necessária para a compreensão das suas idéias. Na década de 1960, ele chegou a designar a sua teoria do desenvolvimento emocional como a “espinha dorsal” de todo o seu trabalho. Podemos dimensionar essa importância através das suas próprias palavras:

A única companhia que tenho ao explorar o território desconhecido de um caso novo é a teoria que levo comigo e que se tornou parte de mim, e a respeito da qual nem preciso pensar de maneira deliberada. Esta é a teoria do desenvolvimento emocional do indivíduo que, para mim, inclui a história total do relacionamento individual da criança até seu meio ambiente específico. Não se pode evitar que ocorram mudanças nas bases teóricas de meu trabalho com o passar do tempo e no interesse da experiência. Pode-se

¹⁸ Esta noção será abordada a seguir.

comparar minha posição com a de um violoncelista que primeiro se preocupa com a *técnica* e depois torna-se realmente capaz de tocar a *música*, aceitando a técnica como dada. Tenho consciência de estar fazendo este trabalho com mais facilidade e êxito do que era capaz há trinta anos, e meu desejo é comunicar-me com aqueles que ainda estão desenvolvendo a técnica, dando-lhes, ao mesmo tempo, a esperança que um dia virá do fato de poder tocar a música.

O fato de ser capaz de um desempenho perfeito a partir de uma partitura escrita traz muito pouca satisfação (Winnicott, 1971a, p.14).

Por mais de quarenta anos, Winnicott trabalhou em um projeto acerca do desenvolvimento humano – iniciado ainda na época em que era pediatra - que se tornaria cada vez mais complexo. Através dele tentou explicar como o indivíduo cresce, desde a dependência rumo a uma maneira pessoal de ser, como ele se torna, ao mesmo tempo, uma pessoa comum e singular e como o meio-ambiente inicial torna isso possível. Em suma, Winnicott se dedicou a investigar exaustivamente os fatores que participam da constituição desse algo que, na maioria das vezes, temos como certo, como um dado de partida: o indivíduo, a pessoa. Como veremos a seguir, para ele, nesse processo de vir-a-ser, de tornar-se pessoa, a agressividade, juntamente com o meio ambiente, desempenha um papel fundamental, funcionando como o verdadeiro motor propulsor dessa jornada.

Sua maior objeção ao trabalho de Klein residia no fato dela ter realizado uma teoria do desenvolvimento emocional em termos somente do bebê, sem referência ao meio ambiente. Para Winnicott, isso é totalmente impossível. Ele entende que

Toda tendência no sentido do amadurecimento é herdada e a psicanálise está simplesmente interessada na interação entre o que é herdado e o que é ambiental... Incidentalmente, em termos da organização do ego do bebê muito pequeno, a tendência herdada constitui um fator *externo* de um tipo particularmente grosseiro. É possível que a Sra. Klein tenha pensado que o fator hereditário era pessoal e não ambiental, mas isto seria deixar de fora todo o problema do ego imaturo e a dependência que se baseia no fato de que o NÃO-EU ainda não se separou do EU (Winnicott, 1969c, p.351 – os grifos são do autor).

Winnicott foi um autor que valorizou como nenhum outro o fato da dependência inerente ao existir humano. Assim sendo, o torna-se pessoa é concebido por ele como um processo de desenvolvimento e amadurecimento pessoal, que acontece no interjogo entre o indivíduo e o meio ambiente, entre os impulsos herdados de uma dada constituição e o contexto no qual eles se manifestam. O crescimento é uma tarefa contínua da integração psicossomática, viabilizada pela continuidade dos cuidados de uma mãe

suficientemente-boa¹⁹ – que sustenta a continuidade do ser, ‘*going on being*’, nos estágios mais iniciais da vida. Loparic (1995) descreve a função da mãe winnicottiana nos seguintes termos: “antes de fazer qualquer coisa para o bebê, a mãe tem que deixar que este seja, que constitua uma ‘uma quantidade do simples ser’ e que *continue sendo*, isto é, que aconteça. Essa e nenhuma outra é a primeira tarefa da mãe winnicottiana” (p.49, o grifo é nosso). Do mesmo modo que o bebê é dependente da atenção materna para sobreviver, sua mãe também é dependente das pessoas que estão à sua volta para ser atendida em suas necessidades. A dependência do outro é o primeiro fato na vida do indivíduo, antes do bom e do mau. Anterior à sexualidade como insuportável há o desamparo.

Em virtude desta dependência, o tema da submissão torna-se central na obra de Winnicott. Como observa Phillips (1988), enquanto a concepção darwiniana postulava a não-sobrevivência dos indivíduos que eram incapazes de se adaptar ao meio ambiente, na teoria winnicottiana do desenvolvimento é a mãe – o primeiro ambiente – que precisa se adaptar ativamente às necessidades do seu bebê. “Nos termos de Winnicott, a criança tem, de início, o direito natural de usar a mãe impiedosamente para o reconhecimento e a gratificação que o seu desenvolvimento requer” (p. 4). O corolário disso é que o desenvolvimento humano pode ser melhor descrito como uma batalha impiedosa contra a submissão ao meio-ambiente. O reconhecimento dessa não-submissão inata da criança é, portanto, correlato à concepção da agressividade como manifestação de impulsos vitais, veículo primordial do desenvolvimento pessoal. Para Winnicott, o homem somente pode se encontrar através do relacionamento com os outros e da independência adquirida pelo reconhecimento da dependência, todo esse processo se realizando às expensas de seu potencial agressivo.

Como assinala Davis (1981), enquanto o esquema freudiano de desenvolvimento era centrado no conceito de pulsão e se preocupava, preferencialmente, com os efeitos da experiência orgiástica, a teoria do desenvolvimento emocional de

¹⁹ Segundo Winnicott a mãe suficientemente-boa é aquela que se adapta ativamente às necessidades de seu bebê. Ela “começa com uma adaptação quase completa às necessidades de seu bebê e, à medida que o tempo passa, adapta-se cada vez menos completamente, de modo gradativo, segundo a crescente capacidade do bebê em lidar com o fracasso dela” (Winnicott, 1951, p.25). Sua intenção é “transmitir uma concepção não idealizada da função, materna” (Winnicott, 1968b, p.80).

Winnicott surgiu em termos do *self*²⁰ em evolução. Para Winnicott, “nenhum uso poderia ser feito da experiência baseada nestes instintos até que se pudesse dizer que havia presente uma *pessoa que vivencia (ego ou self)*” (p.28). No seu entender, “não é a satisfação instintual que faz um bebê começar a ser, sentir que a vida é real, achar a vida digna de ser vivida. [...] É o eu (*self*) que tem de preceder o uso do instinto pelo eu (*self*)”. (Winnicott, 1967d, p.137). A sua preocupação era com a gênese da pessoa da experiência, daí o seu interesse pelo desenvolvimento, não da psicologia do Id, mas da psicologia do ego. Desse modo, no centro da sua teoria de desenvolvimento o que se coloca não é um conflito mítico entre forças incompatíveis mas a localização do *self* no próprio corpo.

O corpo está na raiz da teoria de desenvolvimento de Winnicott. É a partir das experiências corporais que se desenvolve a parceria psico-somática - entre a ‘psique’ e o ‘soma’. “A palavra psique, aqui, significa *elaboração imaginativa dos elementos, sentimentos e funções somáticas*, ou seja, da vitalidade física” (Winnicott, 1949b, p.333 – os grifos são do autor). O *self* é, antes de tudo e principalmente um *self* corporal, como fica claro na citação abaixo:

Essa interação da psique com o soma constitui uma fase precoce do desenvolvimento individual. Num estágio posterior o corpo vivo, com seus limites e com um interior e um exterior, *é sentido pelo indivíduo* como formando o cerne do eu imaginário. O desenvolvimento desse estágio é extremamente complexo, e apesar de tratar-se de um processo poderia já estar bastante completo poucos dias depois do nascimento... E mais: tudo que se aplica aos estágios iniciais aplica-se também, até certo ponto, mesmo aos estágios que chamamos de maturidade ou fase adulta (Winnicott, 1949b, p.333 – os grifos são do autor).

A despeito de ser um conceito central em sua teoria, o *self* não é fácil de ser definido. Nos escritos de Winnicott encontramos variações na sua significação de acordo com o contexto em que ele é encontrado:

Fico pensando que poderia escrever algo a respeito desta palavra [*self*] mas, naturalmente, assim que me ponho a fazê-lo, descubro que há muita incerteza mesmo em minha própria mente, sobre o que quero dizer. Descobri que havia escrito o seguinte: para mim o *self* não é o ego, é a pessoa que é eu, que é apenas eu, que possui uma totalidade baseada no funcionamento do processo de maturação. Ao mesmo tempo, o *self* tem partes e, na realidade, é constituído dessas partes. Elas se aglutinam desde uma direção interior para exterior no curso do funcionamento do processo

²⁰ Abram (2000) observa que “deve ser notado que, embora Winnicott – diferentemente de Melanie Klein e Freud – faça uma distinção entre o ego e o *self*, por toda sua obra a forma com que se utilizou desses termos é, com bastante frequência, contraditória e ambígua” (p. 11). Em nossa exposição buscamos fornecer ao leitor um apanhado das principais referências sobre esse tema.

maturacional, ajudado como deve ser (maximamente no começo) pelo meio ambiente humano que sustenta e maneja e, por uma maneira viva, facilita (Winnicott, 1970a, p. 210).

De todo modo, como assinala Davis (1981), o *self* carrega efetivamente uma conotação de identidade pessoal que está muito próxima da que encontramos na linguagem cotidiana: um sentimento de identidade que advém com a consciência de si (*self-awareness*). De início essa identidade pessoal é apenas potencial, somente através do crescimento ela poderá se transformar numa realização. Em outras palavras, é o processo maturacional que está lá desde o começo, o responsável pela capacidade do indivíduo se tornar quem ele é. Pontalis (1977) atenta para o fato de que a importância atribuída à noção de *self* é um dos traços mais marcantes da literatura psicanalítica anglo-saxônica:

Dizemos anglo-saxônica, dizemos *self* e hesitamos em traduzir por *soi*. Obstáculo lingüístico que é também um obstáculo epistemológico. Diferença cultural sobre a qual pode-se perguntar se não recobre também uma divergência de ideologia ou de filosofia espontânea. E sabemos qual o impacto da cultura ambiente sobre os conceitos psicológicos e psicanalíticos. Mas sabemos, igualmente, que não existe nada mais difícil do que medir este impacto. Também é preciso, inicialmente colocar a questão: o *self* é exportável? E entende-la no seu duplo sentido: exportável de uma cultura a outra e de um indivíduo ao outro (Pontalis, 1977, p. 159).

Ainda que a palavra *self* esteja, no fim das contas, profundamente arraigada na língua inglesa, não é difícil constatar que “a maioria das pessoas aceita que há necessidade de uma identidade pessoal para que possamos nos sentir reais e para que possamos ter alguma influência sobre o curso dos eventos” (Pontalis, 1977, p.160).

Para Winnicott, no entanto, “o ego se oferece para estudo muito antes da palavra *self* ter relevância” (Winnicott, 1962a, p.55). Como observa Abram (2000), de fato, Winnicott nunca chegou a esclarecer de maneira satisfatória a diferença entre o ego e o *self*. No seu entender é de grande utilidade termos em mente que “o ego constitui-se em um aspecto do *self* que possui uma função bastante particular: organizar e integrar a experiência” (p. 221). Através do ego, os componentes da constituição herdada são reunidos, pedaço por pedaço, num *self* nascente:

O exemplo disso seriam os dedos das mãos ou dos pés do bebê, ou o som do seu próprio choro, os quais, de acordo com Winnicott, não são necessariamente sentidos parte de si de início. O ego encontra-se intimamente ligado ao desenvolvimento neuro-fisiológico, à percepção e ao desenvolvimento do intelecto, da memória e da cognição, os quais tornam-se seus aliados em despertar a orientação do indivíduo para um mundo fora do *self* (Davis, 1981, 29).

O ego desempenha, portanto, uma função vitalmente importante para a emergência de uma realidade psíquica pessoal: organizar a elaboração mental dos eventos sensoriais e motores. Daí a importância do suporte egóico, fornecido pelos cuidados maternos nos momentos iniciais ao ego incipiente do bebê. Para Winnicott essa realidade interna pessoal é uma extensão da fantasia do bebê, a qual, desde o início da vida, consiste na elaboração imaginativa das experiências corporais. Essa elaboração simples corresponde a uma parte essencial de cada indivíduo que nunca é perdida, ainda que nem sempre seja acessível à consciência. Winnicott (1935) aprofunda a noção de realidade interna proposta por Klein ao afirmar que esta não deve ser confundida com a de fantasia: “a fantasia é uma parte dos esforços do indivíduo para lidar com a realidade interna [...] O indivíduo chega à realidade externa através das fantasias onipotentes elaboradas na tentativa de livrar-se da realidade interna” (p. 200). Ele chama atenção para o fato de que, com a noção de mundo interno, torna-se possível a localização dos eventos psíquicos. Em uma nota, acrescentada em 1957, ele esclarece: “O termo ‘realidade psíquica’ não envolve qualquer localização da fantasia. O termo realidade interna pressupõe a existência de um interior e de um exterior, e portanto, de uma membrana limitadora pertencente ao que atualmente chamo de psicossoma” (Idem, p.199).

Um outro aspecto a ser considerado é que, do mesmo modo que o conceito de *self* é inseparável da anatomia, fisiologia e biologia, ele é, também, essencial à compreensão do que Winnicott entende por saúde mental do ser humano. Ele foi um dos poucos autores a insistir na importância clínica de buscarmos uma reflexão sobre o que seja saúde, assim como o que seja normal. Ainda que a definição e o manejo desses termos nos coloque imensas dificuldades, não devemos nos furtar, de tempos em tempos, de tentar explicitar o nosso entendimento sobre eles. Trata-se de critérios que são subjacentes a qualquer prática clínica.

Antes de qualquer coisa, para Winnicott não é possível pensar em saúde apenas em termos individuais: a saúde é sempre uma questão da relação do indivíduo com o seu entorno. Em segundo lugar, ele considerava insatisfatória uma avaliação da saúde que se restringisse às posições do Id, ou seja, que limitasse à dimensão pulsional da vida. Em termos gerais, para ele saúde significa maturidade de acordo com a idade do indivíduo. “O

sintoma de uma vida não-criativa é o sentimento de que nada tem significado, o sentimento de futilidade, de que nada importa” (Winnicott, 1970c, p. 36).

A saúde encontra, assim, o seu fundamento na mais simples e mais fundamental de todas as experiências, a ‘experiência de ser’. O ser deve vir antes do sexo, viabilizado, nos primórdios da existência, por uma maternagem suficientemente boa. Disso resulta o sentimento de realidade – o sentir-se real – que advém da oposição encontrada pelo impulso agressivo (criativo) no meio ambiente:

Ser e sentir-se real dizem respeito essencialmente à saúde, e só se garantirmos o ser é que poderemos partir para coisas mais objetivas. Sustento que isso não é apenas um julgamento de valor, mas que há um vínculo entre a saúde emocional individual e o sentimento de se sentir real (Winnicott, 1967a, p. 18 – o grifo é do autor).

Ainda que a noção de saúde para Winnicott (1967a) inclua “a idéia de uma vida excitante e da magia da intimidade” (p. 14), o principal de sua reflexão a esse respeito é um tanto mais complexo:

A vida de um indivíduo saudável é caracterizada por medos, sentimentos conflitivos, dúvidas, frustrações, tanto quanto por características positivas. O principal é que o homem ou a mulher sintam que estão vivendo sua própria vida, assumindo responsabilidade pela ação ou pela inatividade, e sejam capazes de assumir os aplausos pelo sucesso ou as censuras pelas falhas. Em outras palavras, pode-se dizer que o indivíduo emergiu da dependência para a independência, ou autonomia. (Winnicott, 1967a, p. 10).

A saúde está relacionada a uma flexibilidade das defesas que permitem ao indivíduo adaptar-se criativamente às exigências sempre mutantes e renovadas da vida. A simples ausência de neurose ou de sintomas psiquiátricos não significa saúde. Ela deve incluir a possibilidade de o indivíduo dispor do seu potencial de forma espontânea e criativa. Apenas o verdadeiro *self* pode ser criativo. Com isso tocamos o cerne da teoria winnicottiana da agressividade: o valor positivo da agressão. Para Winnicott (1954) há “um princípio fundamental da existência: tudo aquilo que provém do verdadeiro *self* é sentido como real (e posteriormente como bom), qualquer que seja sua natureza, sempre agressiva” (p.389). Vale assinalar que o gesto espontâneo – o verdadeiro *self* em ação - não é pura impulsividade, trata-se de um gesto que se efetiva em sintonia com acontecimentos do mundo. No entanto, como assinala Davis (1985), nem sempre é fácil compreendermos esse valor positivo que Winnicott atribui à agressão – uma conquista do desenvolvimento, sinal de saúde: uma agressão que, em sua origem, é tanto criatividade quanto destrutividade. A

seguir, com os capítulos 3 e 4 desta tese pretendemos fornecer as condições necessárias a essa compreensão.